

Elementos da história em crônicas de Otto Lara Resende para a *Folha de S. Paulo*

RESUMO

Fernando Satoru Wroblewski Hirata

fernandosatoru@gmail.com

Universidade Federal do Paraná (UFPR),
Curitiba, Paraná, Brasil.

Marcelo Fernando de Lima

marcelolima@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

O jornalista e escritor mineiro Otto Lara Resende (1922-1992), no final da sua vida, atuou como cronista na Folha de S. Paulo, onde assinava a coluna Rio de Janeiro na página de opinião do jornal. Sempre com um estilo pessoal que misturava temas da atualidade com suas memórias, Otto trouxe para a coluna o testemunho de diversos momentos da história brasileira os quais presenciou. Este artigo busca identificar a presença da história em suas crônicas e apontar de que forma ela aparece nos escritos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Comunicação.

INTRODUÇÃO

A crônica é um gênero que fez parte da carreira de uma grande quantidade de nomes da literatura brasileira. Apesar de ser considerado como um tipo de literatura menor, vem fazendo parte da obra de importantes nomes da literatura brasileira.

Sua relação com o jornalismo é inegável. Um exemplo é o escritor Otto Lara Resende (1922-1992), que teve uma trajetória bastante peculiar. Mineiro, fez parte de uma geração – capitaneada por Drummond – de nomes daquele estado que se instalaram no Rio de Janeiro, local onde viveram, ganharam maturidade, produziram e presenciaram uma enorme efervescência cultural.

Otto, com menos de 20 anos, já estava envolvido com atividades jornalísticas e não parou desde então, passando pelos mais importantes jornais brasileiros, que se concentravam no Rio de Janeiro, como o Correio da Manhã, Diário de Notícias, Última Hora. Nesses veículos, teve a oportunidade de conviver com diversas situações peculiares. Uma delas foi o contato, por meio da profissão, com figuras importantes da história brasileira do século XX. Para citar alguns: Getúlio Vargas (1882-1954), Carlos Lacerda (1914-1977), Juscelino Kubitschek (1902-1976), Jânio Quadros (1917-1992). E, por conseguinte, vivenciar importantes momentos históricos em que esses personagens atuaram.

Esse é um ponto importante, pois como cronista no jornal Folha de S.Paulo, em 1991, Otto Lara Resende usou a crônica para falar de diversos assuntos e temas. Entre eles estava a história. A proposta deste estudo, portanto, foi observar – dada a biografia do escritor – como essa história apareceu em seus textos: resgate de fatos da história política brasileira, o tom memorialístico ao resgatar personagens da vida pública que conheceu, a análise crítica do então governo federal ao traçar paralelos com o passado, além de desfiar sua própria trajetória pessoal e profissional junto a esses momentos históricos e trazer em diversos momentos o viés curioso da história brasileira desconhecida por muitos. Todas essas possibilidades aliadas a um texto escrito com muito apuro.

CRONISTA TARDIO

Otto Lara Resende (1922-1992) iniciou sua função de cronista no jornal *Folha de S. Paulo* em 1º de maio de 1991. Permaneceu no posto até sua morte, em 28 de dezembro de 1992. Escrevendo diariamente na página 2, o escritor pôde colocar em seu espaço uma grande quantidade de assuntos e temas. Seja o verão no Rio de Janeiro, a burocracia da prefeitura, as filas para pagamento de contas, os pássaros, um gato desaparecido. Além disso, a realidade social, a situação política com a era Collor. Os amigos mineiros – Paulo Mendes Campos (1922-1991), Fernando Sabino (1923-2004) e Hélio Pellegrino (1924-1988) – como Resende também escritores são nomes recorrentes nos textos. Ainda no tocante à literatura tem-se ainda figuras como Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade.

Mineiro de São João del-Rei (MG), o escritor passou por diversos veículos da imprensa como o jornal *A Noite*, *Última Hora*, *Correio da Manhã*, revista *Manchete*, *Jornal do Brasil*, além de cargos na Rede Globo – onde apresentou um programa de entrevistas. Apesar de uma vida dedicada à imprensa – com reportagens, perfis, cargos de chefia – sua chegada à *Folha de S. Paulo*, já no fim da vida, marcou uma colaboração especial por se tratar de um novo gênero, a crônica, e por ser diariamente.

O fato de escrever todos os dias no jornal mostrou a necessidade de se buscar assuntos, como visto, dos mais diversos. Algo que também vale menção é a abertura do seu baú de memórias pessoais – que em diversos momentos se confunde com a história do Brasil. Pode-se dizer, portanto, que ao falar da história brasileira em diversos momentos, Otto também fala de sua própria trajetória. O cronista teve relações estreitas com alguns políticos, um exemplo é Jânio Quadros. Como jornalista por praticamente toda vida, em diferentes níveis de proximidade teve contato, entre outros, com Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Como explicita o jornalista Benício Medeiros, autor de um perfil biográfico sobre Resende, ao contar sobre relação do cronista mineiro com a história brasileira:

[...] talvez não tenha havido outro jornalista seu contemporâneo que tenha vivido tanto o seu tempo, registrado e comentado tantos fatos, conhecido tanta gente, participado tanto da vida brasileira quanto Otto Lara Resende. Não houve assunto realmente importante que tenha escapado à sua área de interesse (MEDEIROS, 1998, p. 18).

Assim, o escritor se destaca pelo conhecimento dessa história, seja como testemunha próxima, seja pelo contato indireto, ainda assim privilegiado por estar sempre em cargos da imprensa. É nessa relação entre o presente e o passado, história e memória – que se propõem a breve análise de algumas crônicas que possam ilustrar essa dinâmica e também mostrar a relação dos textos com uma forma diferente de se recuperar e ao mesmo tempo registrar o passado nacional.

A década de 1980 foi um período especial na vida de Otto. No final de 1983, uma mudança marcou profundamente o escritor e ecoou nos anos seguintes: sua demissão da Rede Globo. Como relata o Medeiros: “Os motivos da queda repentina de Otto do alto do império global são desconhecidos na sua totalidade”

(1998, p. 121). Medeiros também registra o efeito que esse acontecimento teve na vida do jornalista: “O fato é que Otto, conforme depoimento da viúva, Helena, ficou abatidíssimo com a sua saída da Globo, onde trabalhou durante dez anos” (1998, p. 121). Seu desligamento da emissora deu início uma fase de recolhimento, reflexão, melancolia.

Interessante notar que o período marcou certa busca por parte do autor por mudanças. O que resta fazer, o que haveria de novidade, de estímulos para esse experimentado jornalista que, como mencionado, a própria biografia se relaciona em muitos momentos com a história brasileira. Dessa forma, é nessa fase tão peculiar – de reflexões e de um sentimento de estranheza consigo e com o mundo que um novo período irá se iniciar: o convite da Folha de S.Paulo para se tornar cronista da publicação.

O jornal já havia feito algumas sondagens para ter Otto Lara Resende em seu time durante anos anteriores. Após isso, a publicação retomou o convite no primeiro semestre de 1991, influenciada por mudanças na equipe. Como relembra o jornalista e cronista Humberto Werneck, a “saída de Newton Rodrigues, um dos titulares de sua página 2, o jornal ficou sem colunista no Rio” (WERNECK, 2011, p. 420). Ainda segundo Werneck:

Não foi tarefa simples, lembra-se o jornalista e editor Matinas Suzuki Jr., editor-executivo da Folha naquele dia de abril de 1991 em que tomou a Ponte Aérea e foi bater na porta de Otto Lara Resende, no bairro da Gávea. [...] Com a intercessão de outro veterano jornalista, seu amigo Jânio de Freitas, o papo [com Otto Lara Resende], e Otto aceitou convite para almoçar com Matinas num restaurante do Jardim Botânico, no que foi, para o jovem editor-executivo da Folha, “uma das tarefas mais agradáveis” que o jornal já lhe havia confiado.

Ainda havia por parte de Resende alguma resistência em concordar, nas palavras de Werneck, o escritor “argumentava, por exemplo, que se sentiria pouco à vontade na sisuda página 2 da Folha de S. Paulo, território então exclusivo da política e da economia. Matinas explicou que o jornal pretendia, exatamente, injetar ali novos temas, abrir uma janela inesperada na aridez daquela página” (WERNECK, 2011, p. 420). No entanto, o escritor mineiro já estava convencido: “suas derradeiras resistências estavam vencidas quando dias mais tarde, ainda em abril, se bateu o martelo, durante um almoço, dessa vez em São Paulo, na sede do jornal” (WERNECK, 2011, p. 421).

Interessante notar – e também relacionar com a situação que Otto Lara Resende se encontrava nos anos anteriores – que o início de sua colaboração como cronista na Folha de S.Paulo trouxe o oxigênio que faltava ao escritor. A primeira crônica, de 1º de maio de 1991, intitulada “Bom dia para nascer”, segundo Medeiros, “podia se chamar ‘Bom dia para renascer’. Esta sua derradeira missão vai rejuvenescê-lo, alegrá-lo, mudar inteiramente a sua rotina” (MEDEIROS, 1998, p. 130). Percebe-se, portanto, que foi com a crônica que uma nova fase profissional se inicia para o escritor, porém, mais do que novidade nesse aspecto, trata-se de uma nova fase pessoal para Otto.

Talvez fosse o momento e também a maneira de passar em revista sua trajetória, suas memórias, a história do Brasil, além dos mais variados temas – mais amenos e descontraídos, que abordou. Soma-se a isso as transformações,

costumes, problemas sociais, violência, que tanto o impactaram. É um olhar especial para um Brasil diferente comparado com o de outras décadas brasileiras e da própria vida de Otto. A própria produção literária do autor, com forte tom realista, cru, tem um tom memorialístico ao resgatar o interior de Minas Gerais, com seus personagens pitorescos, os cenários, as cidadezinhas, os costumes – enfim, muito dos elementos que fizeram parte da criação e do desenvolvimento em sua fase mais inicial da vida.

AS CRÔNICAS

“Bom dia para nascer” (01/05/1991) foi o primeiro texto publicado nessa fase do escritor na imprensa. Ao se apresentar, ele mostra que nasceu no mesmo ano de diversos eventos e marcos históricos como o Centenário da Independência, o ano do Tenentismo, a inauguração do rádio no Brasil, entre outros. O humor também é marca do autor, ainda mais se tratando da sua própria idade: “Suspeito que só eu e o rádio estamos funcionando neste mundo povoado de jovens. Mas juventude tem cura. Eu também já fui jovem. É só esperar” (RESENDE, 2011, p. 14). A partir disso, o texto busca resgatar a origem do Dia do Trabalho relatando os acontecimentos da greve de Chicago (1886) e a chegada da comemoração ao Brasil (1893), para depois como conta Otto Lara Resende: “Em 1949, finalmente, a data virou lei. Lei e feriado” (RESENDE, 2011, p. 14).

Em poucas linhas da crônica percebe-se a quantidade de informações que vão sendo desenvolvidas e fornecidas. Do primeiro de maio chega-se ao mês de maio que na visão do escritor mineiro é “mês de Maria, mês das noivas, mês de flor-de-maio, maio sugere pureza e céu azul” (RESENDE, 2011, p. 14). Após lembrar-se dos aniversariantes de 1º de maio – José de Alencar e Afonso Arinos – mais humor ao mencionar a carta de Caminha:

Não será mera coincidência a data da certidão de nascimento do Brasil. A carta de Pero Vaz de Caminha é de 1º de maio de 1500. Como o Brasil também é Touro, está difícil de pegá-lo à unha. Mais poeta que escrivão, Caminha foi o primeiro ufanista. Também pudera: em 1500 tudo ainda estava para ser destruído (RESENDE, 2011, p. 15).

Após a viagem com o autor da Carta do Descobrimento, na leitura da crônica chega-se a 1981, e então para voltar ao ano de 1991 – apenas alguns dias antes da publicação crônica: “Há dez anos, em 1981, para celebrar o Dia do Trabalho, houve a explosão do Riocentro. Planejada em segredo, ao contrário da implosão de ontem em São Paulo [provavelmente a implosão de prédios em Carapicuíba (SP)], vem agora a furo a farsa do inquérito militar. Dá até vergonha de ser brasileiro” (RESENDE, 2011, p. 15). Já na primeira crônica há mostras do tom crítico e cético do autor para com a realidade e a história brasileira. O final da crônica traz muito da esperança do escritor, que durante os anos 1980, talvez, busca-se um recomeço – agora, como cronista, encontrado: “Maio, porém, está aí. 1º de maio: bom dia para começar. Ou recomeçar” (RESENDE, 2011, p. 15).

Nasceu dessa maneira a colaboração de Otto no jornal Folha de S. Paulo. Nas linhas que tinha disponível, o autor vai de sua simples apresentação como novo cronista da publicação a uma viagem pela história mundial e brasileira, citando personalidades desses diversos momentos. Percebe-se, logo nesse primeiro

escrito, uma grande gama de informações e que, com tom simples e sóbrio, informa o leitor sem deixar de temperar o texto com passagens espirituosas e bem humoradas. Assim, é possível, de modo geral, apontar essa como base de seus escritos. É claro que com a quantidade de textos escritos e publicados pode haver variações. O mesmo vale para os próprios temas, que como visto são dos mais variados. Dentre outros, a língua portuguesa – usos, palavras, modismos – pode ser apontada como um. Em uma esfera mais distante pode-se apontar uma fase zoológica de Resende, que tratou de diversos animais, inclusive do desaparecimento de seu querido gatinho Zano.

Na crônica “Peritos e Falsários” (08/03/1992), é possível notar que o autor parte de algo factual, “Não sei até onde a jurisprudência brasileira aceita como prova incontestável gravação de fita, como essa que agora incrimina o [ministro do Trabalho do governo Collor, Antônio Rogério] Magri” (RESENDE, 2011, p. 58), para voltar no tempo e lembrar o “episódio histórico das cartas falsas do [Arthur] Bernardes” (RESENDE, 2011, p. 58). Insultos aos generais teriam sido escritos pelo citado em cartas. Para verificar a autenticidade dos escritos, estes foram levados à Europa. Lá, foram examinados por diversos peritos. Como informa Otto: “Quem levava as cartas era o jovem Virgílio de Melo Franco, que tinha saído do Rio em fevereiro. Só voltou em agosto” (RESENDE, 2011, p. 59). Depois disso, o cenário brasileiro era polêmico:

Aqui, [Virgílio] encontrou a controvérsia pegando fogo. Estava pior do que antes, no dia de sua partida. O Correio da Manhã liderava a grita pela autenticidade das cartas. O racha foi mais fundo. De um lado, bernardistas juravam pela falsificação. Do outro, antibernardistas berravam que tudo era verdade. Setenta e um anos passados, qual a conclusão? Depende do historiador. A maioria entende que as cartas eram falsas mesmo (RESENDE, 2011, p. 59).

Esse é mais um exemplo da volta do passado histórico brasileiro para ilustrar e – porque não – mostrar a repetição em certos graus de algumas situações históricas. O cronista não ignora o factual: naquele período, os diversos acontecimentos no governo Collor. Porém, não se atém apenas a isso. A partir desses acontecimentos, busca resgatar a história e a memória brasileira. Em várias crônicas é possível notar esse caminho – novamente uma tentativa de apontar certa fórmula em seus escritos: algo da atualidade pode servir de gatilho para abrir o baú da história brasileira e também seu próprio baú de memórias. No final de “Peritos e falsários”, o escritor mineiro menciona que “[...] há outras cartas em nosso passado político. Mais recente, a carta de Brandi, por exemplo. Pretendia incriminar o Jango Goulart” (RESENDE, 2011, p. 58). Interessante notar como o cronista ao listar alguns momentos semelhantes já abre diversas possibilidades de temas possíveis de serem trabalhados em outros de seus textos.

A menção de João Goulart, por exemplo, gerou cinco meses depois uma crônica chamada “Timbrada, mas falsa” (07/08/1992). O texto guarda semelhanças com o comentado anteriormente: ambos tratam de falsificações. Esse trata de carta – supostamente escrita por Antônio Jesús Brandi, deputado argentino – endereçada à João Goulart. Aparentemente, tratava de um plano de subversão em que “armas entrariam por Uruguiana e se destinavam às brigadas operárias de choque” (RESENDE, 2011, p. 63). Conforme conta Otto, Carlos Lacerda

lançou mão da carta para prejudicar a imagem dos candidatos à presidência: Goulart era vice de Juscelino Kubitschek.

O cronista faz uma interessante observação nessa crônica, que releva também a relação do que se escreve e, por conseguinte, a história/memória: “Estou escrevendo e pensando: ‘Puxa vida, conheci esse povo todo’. Entrevistei um por um. Até parece que sou um sobrevivente, cruz-credo!” (RESENDE, 2011, p. 58). Nota-se assim que quando escreve sobre a história brasileira, pode-se esperar, em diversas situações relatadas, uma relação direta ou indireta do cronista com os fatos e os personagens envolvidos – a escrita, os acontecimentos, a história brasileira, os vultos desse passado, a memória, a experiência – enfim, todos esses elementos têm forte relação com a carreira da vida toda de Otto: a de jornalista. A carta mencionada na crônica acabou por ser falsa, como o título do texto adiantava:

Dias depois, a perícia concluiu que era uma contrafação. Grosseiro embuste, tinha sido uma patranha de Cordeiro & Malfussi. Dois notórios falsários, que foram presos e racharam o bico. [...] Não terá sido esta a primeira, nem infelizmente será a última maracutaia do gênero. Mas pelo menos foi desmascarada. É um antecedente animador. É só querer, que tudo se apura (RESENDE, 2011, p. 64).

É ao resgatar o passado que se pode ter, talvez, um pouco de esperança de que as situações atuais com paralelos em acontecimentos de outros tempos poderão ser resolvidas e os culpados/inocentes devidamente apontados. Não se sabe até o querer, apontado pelo cronista é de interesse dos indivíduos que detêm os poderes, nos mais diversos períodos da política brasileira.

Algumas crônicas têm relação com a história, mas contam com um caráter mais memorialista. É o caso de “Outro dia, há trinta anos” (23/08/1991). No texto, o cronista relata um encontro dele – acompanhado por mais duas pessoas, uma deles Herbert de Souza, o Betinho – com Jânio Quadros, que “tinha retornado da Europa, da viagem que fez logo depois da renúncia” (RESENDE, 2011, p. 310). Aqui, não há tanto o resgate dos fatos políticos vinculados à história do Brasil – Otto traz algo mais memorialístico e relata impressões. Uma amostra de tais observações:

Não falávamos do episódio da renúncia. A pauta era uma espécie de exame vago: o Brasil do futuro. O ambiente modesto não favorecia nenhuma espécie de formalismo. Havia no ar uma corda esticada. Uma tensão. Vi logo que ia se frustrar qualquer expectativa de que Jânio fizesse alguma revelação objetiva. Quando falava, e falava quase sempre, o ex-presidente não descia dos seus conhecidos recursos retóricos (RESENDE, 2011, p. 310).

Otto registra que o político reservava na conversa grande atenção a Betinho: “Estava em jogo o Brasil. O futuro. Falar no futuro era falar na mocidade, no papel que lhe cabia. Betinho voltava ao ponto de partida, à organização do povo. E às reformas. As urgentes reformas” (RESENDE, 2011, p. 311). O escritor relata que depois da saída de Betinho do local, Jânio Quadros mudou a postura, o que “permitiu que a conversa se situasse num plano mais coloquial. Já não havia convencionalmente obrigatória interlocução da juventude estudiosa” (RESENDE, 2011, p. 311). Contraste, portanto, entre o velho e o novo, o futuro e o passado.

Vale notar que nesses resgates de cunho mais memorialista há possibilidade de se ter contato com o lado menos formal, imponente, glorificado do poder: a face e o perfil mais humanizado de uma figura pública. Como se observa no trecho a seguir:

Mais um pouco e saímos os três. Na calçada, um cego esperava o sinal. Jânio tomou-o pelo braço e o guiou até o outro lado da praça. Até onde me lembro, o gesto não chamou a atenção de quem passava na rua. Recente renunciante Jânio ainda despertava muita curiosidade. Mas entrou dozinho no carro e partiu (RESENDE, 2011, p. 311).

Como mencionado, são passagens como essa que trazem um sabor especial à várias dessas crônicas – uma vez que, momentos assim não apareceriam em uma escrita da história mais formal, oficial.

Na crônica “Quem ri primeiro” (07/09/1991), o cronista comenta uma imagem de Collor. Segundo Resende, o então presidente “dava uma gostosa gargalhada daquelas de gargarejo, de virar a cabeça para trás até encostá-la nas costas” (RESENDE, 2011, p. 360). E comenta em tom crítico: “O país do jeito que a gente sabe e o presidente rindo às bandeiras despregadas” (RESENDE, 2011, p. 361). Apesar disso, o cronista diz ter gostado da imagem, talvez pela ironia: “Tem crise, sim, mas o presidente está rolando de rir” (RESENDE, 2011, p. 361). E continua com a carga crítica:

Rir faz bem à saúde. Num país enfermiço, cheio de mazelas, que ao menos o presidente tenha um momento de ovante satisfação. Além do mais, era domingo. Cumprido o dever religioso, caíram bem a folga e o riso. Anos atrás, nunca que ninguém ia ver um presidente assim espojado à vontade, em trajes quase menores. E gargalhando. Se não me engano, gargalhada era até falta de educação (RESENDE, 2011, p. 361).

Nota-se nesse texto uma abordagem mais crítica e irônica para com o período político da época. E percebe-se que o registro serve de gatilho para o resgate da história. A relação entre os presidentes e o riso em público:

Getúlio foi quem inaugurou a gargalhada. Era um homem fechado e de raro em raro, charuto em punho, soltava o riso. JK era risonho. Os generais pós-64, que nada. Nem sorriam. O Jânio não sabia rir. O Bernardes, o Washington, o Prudente eram todos circunspectos. [...] Gostei da gargalhada do Collor. Pode ser saúde ou doideira, mas gostei (RESENDE, 2011, p. 361).

Dessa forma, nota-se que é recorrente nas crônicas buscar o lado curioso da história. Tal abordagem combina com a enorme liberdade que a crônica proporciona a seu autor. Otto faz um ótimo uso dela para falar do momento e do passado, com recortes de tom curioso. Em outro texto, por exemplo, o aspecto mencionado da política são os presidentes e o uso, ou não, de barbas.

Na crônica “Fantasia de onipotência” (01/04/1992), Otto traça um paralelo entre o governo de Getúlio Vargas e de Fernando Collor. Fica-se sabendo da demissão de um ministro de Vargas que, em viagem, se encontrava na Europa, à viagem. Situação desagradável na visão do jornalista: “Uma deselegância, demitir

um ministro no Exterior. Numa época de telefone precário, sem fax e sem avião a jato. Um caso sem precedentes” (RESENDE, 2011, p. 359). Porém, interessante notar que o caso tenha dado brecha que tal acontecimento se repita. Novamente, a crônica aqui funciona como ponte entre o passado e o presente da política brasileira para mostrar ao leitor que a história se repete mesmo em tal detalhe que possivelmente passaria despercebido: a demissão de um ministro do governo de Getúlio Vargas. Lê-se, portanto, que situação parecida aconteceu em 1991, conforme relata o cronista:

Vinte e nove anos depois, o ministro Francisco Rezek soube agora de sua demissão em Nova York. Também em missão oficial. O DDI pelo menos impede o trauma do fato consumado. E quem sabe Rezek pode voltar ao Supremo, no lugar de Célio Borja (RESENDE, 2011, p. 359).

E Otto mostra forte tom crítico em relação ao governo pela sua, talvez, prepotência – um convencimento fomentado por um suposto poder sem limites. Vale registrar que o cronista não apenas faz os resgates de acontecimentos da história para reflexão da atualidade como também distila um agudo senso crítico para com a realidade política brasileira. O cenário político aparentemente muda de atores, mas os fatos se repetem. Conforme a crônica:

Em 1990, o jovem Collor empossou o ministério com a declaração de que iria até o último minuto de seu governo. Uma audácia. Estendeu sobre os ministros o manto protetor de seu milionário mandato de cinco anos. E fez questão de se dizer responsável por tudo que fizesse cada um deles (RESENDE, 2011, p. 360).

Esse discurso de Collor, cheio de certezas, é o alvo da crítica do cronista, que volta sua pena para a própria vivência e relata no fecho da crônica, marcante fala de Getúlio Vargas ao repórter Otto Lara Resende. Segue o relato:

Em 1946, Getúlio chegou ao Rio eleito senador. Hospedado na avenida Rui Barbosa, em casa de Amaral Peixoto, teve um dia tumultuado. Obra do acaso e de um eficiente chefe de reportagem, entrevistei-o a sós. Ouvia sereno as perguntas e a minha conversa, a que não faltava uma ponta de juvenil petulância. Mas Getúlio até me deu corda. Falávamos do Estado Novo. Foi quando, mão no meu ombro, sentenciou? ‘Tu ainda és muito jovem para saberes que um ditador não pode tudo’. Quem no mundo pensa que pode tudo?, me pergunto hoje. Resposta: o Collo-1990 (RESENDE, 2011, p. 360).

Nota-se o forte tom crítico de Otto para com a atualidade e a forma de usar suas memórias que está ligada à história do Brasil – isso é ilustrado com o relato mencionado sobre a fala de Getúlio Vargas sobre ditadura e sobre o poder de um ditador. Chama a atenção a figura do cronista que foi jornalista a vida toda e pode ter essas e outras falas marcantes de diversos vultos da política brasileira. Otto cria assim uma análise do então governo presidencial: partindo do resgate da história, faz-se essa relação entre um fato passado e a atualidade, para encerrar com a marcante entrevista que fez com Vargas – somando assim, também a memória do cronista, a tinta autobiográfica. Torna-se interessante, na leitura das crônicas, voltar as atenções para o quanto há de história, de memória e do presente, da atualidade nos textos. Como esses elementos muitas vezes se misturam com um

fato servindo de gancho para outro e assim por dia, fazendo uma costura temporal. Tem-se um mosaico com diversos acontecimentos em uma crônica que não é extensa. Isso se soma à linguagem da crônica: é um contar de histórias, uma conversa entre amigos – vale ressaltar que muito se relaciona a crônica com o cotidiano e, por conseguinte à conversa informal do dia-a-dia. Dessa maneira, forma-se e informa-se sobre a história brasileira por meio da crônica. Que serve, não só para ficar fixa nos temas e assuntos tratados como também pode ser veículo para viagens na memória, nas lembranças, na biografia e na história. Esse volta ao passado, como visto, é algo caro à forma mais embrionária de crônica, quando esse tipo de texto foi utilizado por Fernão Lopes para registrar o passado do reino português (SÁ, 2005).

Na análise proposta, pudemos notar em diversas crônicas a presença do passado no viés histórico, memorialístico e também autobiográfico. Isso torna suas crônicas nesse segmento ainda mais interessantes pois o indivíduo que as escreve é alguém que viveu a maioria dos acontecimentos e/ou teve proximidade com os atores envolvidos. Resende pode usar a crônica para mostrar as repetições que a história nos mostra, na política brasileira, por exemplo. Figuras públicas da história brasileira também são tema de algumas crônicas, sendo mencionadas diretamente ou apenas citadas. Nesse ponto também se encontra o lado memorialístico, em que o cronista resgata passagens de sua trajetória. Um exemplo é o encontro de Otto com Jânio Quadros, por exemplo, tempos depois de sua renúncia – interessante o registro da figura pública longe dos holofotes e do auge da popularidade, para algo mais humano, corriqueiro, mundano.

Portanto, pode-se apontar a crônica, como mostrou Otto Lara Resende como algo realmente maleável. Os temas podem ser os mais variados. E o gênero pode servir como instrumento para a crítica dos acontecimentos, o comentário, o resgate da história e também o registro do presente que logo se torna passado e consecutivamente elemento integrante da história do Brasil. Otto tinha certo receio de, ou parecer alienado com o factual, ou soar reminescente demais. Uma possibilidade por ele encontrada foi unir, portanto, o passado e o presente. Investigar e analisar o presente voltando-se para o passado: talvez haja nisso um equilíbrio, ao evitar que a balança pese mais para um dos dois lados dessa preocupação do autor.

Também se percebe a crônica como veículo para que a história possa ser aprendida e para tanto lida. Alia-se o fator tema – entre outros a história brasileira – com a linguagem do texto, nesse caso a crônica, que tem como base a tinta da simplicidade: espera-se que seja uma conversa entre o cronista e o leitor. Tal mistura pode ser bem proveitosa e benéfica, pois alia-se o conhecimento dos fatos históricos escolhidos por Resende com a linguagem clara, simples e direta. Vale lembrar que o autor tinha grande preocupação com a forma de sua escrita e buscava perfeccionismo ao extremo. No caso do escritor, não se pode dizer que por se tratar de crônicas – linguagem simples, texto mais curto – a missão de escrever fosse algo mais fácil do que outros escritos por exemplo. Vale lembrar a preocupação das discussões teóricas da historiografia de buscar novas formas de registrar a história – beber na fonte literária, trazer uma escrita mais narrativa, enfim, algo que seja diferente do padrão rígido e extremamente formal e que fosse agradável e atraente de se ler.

Isso se liga a outro ponto interessante e talvez um dos méritos das crônicas: a possibilidade de que a história chegue a leitores que não teriam contato com ela de outra forma. Ou também, que possa ter atingidos leitores já interessados no tema, mas que desconheciam muitos dos fatos trazidos pelo escritor, que em diversas crônicas também trazia o viés mais curioso da história brasileira, fugindo do padrão da história oficial didática/escolar para a abordagem na tradição dos antigos almanaques de curiosidades.

Ao mesmo tempo, tem-se a impressão ao buscar a biografia do autor, que as crônicas podem servir para organizar e passar em revista todos esses momentos. É significativo o momento de melancolia e reflexão que o cronista viveu durante os anos 1980, antes de iniciar a colaboração no jornal. A oportunidade, portanto, trouxe uma lufada de força para um reinício de Otto Lara Resende tanto no aspecto profissional e pessoal. É uma nova fase que o possibilitou, dessa forma, a revisitar seu extenso baú de memórias: fatos, pessoas, locais, sensações, sentimentos. Tal fato também se torna significativo quando se leva em consideração que quase dois anos depois ele faleceria.

Com a leitura das crônicas de Otto Lara Resende o leitor tem contato com textos extremamente ricos em conteúdos informativos e de leitura fácil e acessível. Como mencionado, pode servir como uma viagem para diversos destinos do passado brasileiro e da própria trajetória traçada pelo seu autor: os dois elementos se misturam. É o jornalista na sua última missão: conversar com seu leitor sobre temas dos mais variados: história, mudanças, novos comportamentos, o Rio de Janeiro, a língua portuguesa, os animais, os amigos literários. Tudo isso no melhor estilo mineiro: a conversa era um dos grandes atributos desse cronista tardio.

Elements of history in Otto Lara Resende's essays to *Folha de S. Paulo*

ABSTRACT

Minas Gerais journalist and writer Otto Lara Resende (1922-1992), at the end of his life, served as a chronicler at *Folha de S. Paulo*, where he subscribed to the Rio de Janeiro column on the newspaper's opinion page. Always with a personal style that mixed current themes with his memories, Otto brought to the column the testimony of several moments in Brazilian history that he witnessed. This article seeks to identify the presence of history in its chronicles and to point out how it appears in the writings.

KEYWORDS: Literature. History. Communication.

REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Benício. Otto Lara Resende: a poeira da glória. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

RESENDE, Otto Lara. Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WERNECK, Humberto. Otto cronista: humor e compaixão. In: RESENDE, Otto Lara. Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SÁ, Jorge de. A crônica. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2005.

Recebido: 2 set. 2020.

Aprovado: 30 set. 2020.

DOI: 10.3895/rde.v11n19.11652

Como citar:

HIRATA, F.S.W.; LIMA, M.F. Elementos da história em crônicas de Otto Lara Resende para a Folha de S. Paulo. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 11, n. 19, p. 58-70, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

